

## O ROMANCE TRANSGENDER EM ORANGE IS THE NEW BLACK CONTRA O DISCURSO RELIGIOSO

THE ROMANCE TRANSGENDER IN ORANGE IS THE NEW BLACK AGAINST RELIGIOUS DISCOURSE

Fernando Souto Dias Neto

### Resumo

A leitura é feita sobre fragmentos discursivos amorosos, e identidades *transgenders*, que vem se tratando, abordando, inserindo e enunciando, é uma história de amor latente entre Alex Vasue e Piper Chapman. É infeliz haver o olhar voltado onde se classifica como uma série *queer*, pois o objeto central, a narrativa, o roteiro, o que desenvolve é a paixão e a relação amorosa entre Alex e Pipes, que procura existir num meio onde só elas entendem, e somente ali podem vivenciá-lo, fora das grades Piper Chapman estaria casada, num modo normativo, estabelecido por valores tradicionais. O objetivo foi somente estabelecer uma forma de olhar diferenciada, não apenas rotulando *Orange is the New Black* como uma série *queer*, mas sim como um romance, sem gênero, sem sexualidade, sem sexo, que procura existir num meio sem interdição, e que só atrás das grades há possibilidade de existir e se vivenciar.

**Palavras-chave:** Discurso. Gênero. Mídia.

### Abstract

The reading is made upon discursive fragments filled with love and transgender identities that passes through a latent love story between Alex Vasue and Piper Chapman. The series has been labeled as queer, but it does not suit well with its main object, its narrative and script as it goes with the passion and love relation between Alex and Pipes that happens on the inside of the system, the only place that it could. On the outside world, Piper Chapman would be married with a man, all according with the way it should be, in a normative way, established upon traditional values. The project aims only to stablish a different way of seeing relationships, not tagging *Orange is The New Black* as a queer series, but as a love story, with no gender and sexuality concerns that could only exist in a place with no proscription that is behind bars.

**Keywords:** Discourse. Gender. Media.

## Considerações Iniciais

A necessidade de escrita parte do movimento feito, além de questionamentos sobre o ponto que leva espectadores e novos consumidores a buscarem assistir a série, através de postagens, *tweets*, comentários, curtidas, declarações, críticas – erudita ou acadêmica -, que constroem seus olhares em cima do roteiro, narrativa, e desenvolvimento do que presenciamos episódio, pós-episódio. A partir de então nosso ponto de partida é a segunda temporada do seriado.

Tudo no roteiro da trama remonta no início da história a protagonista, realizando a transição de ambiente – troca de cidade e prisão – com a chegada em um novo “lar” e conhecendo suas novas “amigas”, iria começar a se deparar com novos problemas, só que desta vez com um novo olhar para lidar com velhas situações. Pipes está prestes a entrar numa situação que não faz ideia, ou seja, caminha às cegas para o buraco que a coloca numa situação que cada vez mais dificulta a sua saída.

O seriado *Orange is the new black*, com o nome já fazendo alusão à indumentária que as nossas personagens carregam uniformemente na penitenciária. O seriado se apresenta de maneira diferencial, já no que diz respeito a seu formato, ou seja, sendo um produto audiovisual midiático não tradicional – *netflix*.

Os caminhos percorridos aqui neste trabalho passam desde uma arqueologia dentro deste produto midiático, com intuito de realizar um aprofundamento sobre a origem destes eventos, seja a própria série como objeto, até os reflexos interpretados no cotidiano, o que já configuraria uma genealogia desses eventos. A parte do dispositivo é contemplada, isso quando considerada como forma de emergência de devires minoritários por fenômenos que perpassam o objeto contemplado na pesquisa.

A ideia de gênero é inserida como busca da fuga de determinismos biológicos, físicos que visam a engessar determinadas identidades, sendo que nos tempos de hoje tais classificações já não vem mais a preencher espaços e lacunas vazias pelas problematizações e seus espaços deixados posteriormente. O momento exige buscas por novas matrizes de análise com a velocidade, ou seria voracidade, com que corpos são devorados nas imagens desses produtos midiáticos cada vez mais adaptáveis e portáteis, multiplicando a mobilidade e o acesso do sujeito ao consumo.

A questão dos discursos, como uma linguagem enunciativa e que surge de maneira a emergir tais devires, devem ter certa atenção. O tratamento com essas linhas discursivas fazem desde a forma que se configuram tais códigos, até sua decodificação, e sua enunciação dentro desse dispositivo.

Com esses caminhos não se busca fechar ou dar um fim a pesquisa com certas conclusões, mas sim algumas considerações sobre o objeto, entre personagens, estéticas, o fenômeno midiático, os discursos, estereótipos, devires identitários, entre outros. Com uma matriz arqueológica discursiva haverá a configuração de novos olhares perante o objeto contemplado, seja através da imagem, ou até mesmo de como personas emergem na película, constituindo a narrativa que presenciamos nas telas.

### **Algumas instruções gerais relativas a este template**

Com uma trajetória de eventos que nos leva a obtermos o que presenciamos já nessa segunda parte da série, enxergamos um novo modo de agir da protagonista, na qual enfrenta novos problemas devido a um agravamento da sua situação. Eventos descrevem a maneira com que ela vivendo em meio as demais detentas assume uma estética, comportamento, conduta assim por diante que possibilite sua existência dentro do dispositivo prisional. A ideia de montagem após uma fragmentação para uma construção desse sujeito é levada a partir de então.

Levamos a partir disso algumas premissas do tempo presente, logo não necessariamente de origem, pois entende-se que Pipes já passou sua fase de adaptação, mas que nem por isso deixa de vivenciar novos eventos, o que por sua vez vai agravando sua situação no aparelho prisional a tornando cada vez mais calcada no meio recluso e distante de sua vida normativa até antes da privação de sua liberdade.

Michel Foucault sobre a arqueologia remete em sua obra a não necessidade de retomar a origem, fazendo recuos, o que por outrora nos levaria a formas inesgotáveis de organização, porém não há necessidade de tal movimento compreendendo que tais eventos são vivenciados rotineiramente por Pipes – nossa protagonista Piper Chapman – que sofre atravessamentos daquele ambiente.

Por isso mesmo, não é mais necessário apelar para os temas de origem indefinidamente recuada e do horizonte inesgotável: a organização de um conjunto de regras, na prática do discurso, mesmo se ela não constitui um acontecimento tão fácil de ser situado quanto uma formulação ou uma descoberta, pode ser, no

entanto, determinada no elemento da história; e se é inesgotável é naquilo em que o sistema perfeitamente descritível que constitui dá conta de um jogo considerável de conceitos e de um número muito importante de transformações que afetam ao mesmo tempo esses conceitos e suas relações. (FOUCAULT, 1972, P. 78)

Através desse espaço aberto e entendendo como chegamos até aqui, passamos a entender os eventos a que nossa protagonista é submetida dentro do cárcere. Desde violência de determinados grupos, gangues, alianças, irmandades, inúmeros grupos ligados por uma série de fatores, sejam eles interesses, negócios, culturas, afinidades, e também a necessidade de se aproximar do outro e adquirir a confiança de novas colegas.

Assim passos largos começam a serem dados, como deixar parte da vida pessoal do lado de fora dos muros da prisão, e começar a partir de então um ato de sobrevivência. Pipes encontra-se com sua ex-namorada na prisão Alex, e do lado de fora está noiva, o que já monta uma problemática envolvendo o externo e o interno de onde está, deixando-a desorientada, partida e confusa quanto as medidas e as ações na qual acaba tomando no seu cotidiano.

Gilles Deleuze leitor da vasta obra de Foucault descreve sobre os processos de subjetivação, o que nesse momento utilizamos a questão da vida privada, que é cara para esses escritos. No que fala desde a nossa protagonista no seu pessoal, como também daqueles que estão ao seu redor dentro e fora da prisão.

O estudo da variação de processos de *subjetivação* é uma das tarefas fundamentais que Foucault deixou aos que lhe estavam próximos. [...] a história da vida privada representa apenas uma parte dela. [...] É um estudo que tem muitas misturas para desvendar: produções de subjetividade que saem dos poderes e dos saberes de um dispositivo para se revestir noutro, sob outras formas que irão nascer. (DELEUZE, 1996, P.2)

Por sua vez tais variações se revestem e rebatem entre dispositivos, criando novas veredas a serem problematizadas, como a vida dentro e fora da prisão, o que faz com que surjam discursos, como a questão identitária de gênero, onde Pipes reata um romance eventual com Alex sua antiga companheira. Logo se quebra a aliança com seu noivo, por sua vez criando uma problemática na instituição que aí viria a se formar, como um casamento futuro e posteriormente a família.

Com esses itens expostos e aflorados com a vivência desse produto audiovisual, somado as questões que Foucault nos apresenta, inclusive elementos como jogos de poder e saber, além de subjetividade, seu método genealógico que caminha junto com a

arqueologia, como já foi dito, não retornando as origens, mas enunciando eventos que emergem nos objetos, que se fazem observáveis ao qual a pesquisa contempla. Em vigiar e punir, Michel Foucault (1999), nos apresentou uma perspectiva genealógica do estudo do sistema prisional, o que nos torna necessário neste trabalho é partir do entendimento, não necessariamente na forma com que ocorre uma punição – nesta obra são abordadas as constantes mudanças nas punições entre seus observáveis – mas sim o modo de ver, enxergar e olhar, o que transforma esse dispositivo prisional, um modo de constante vigia e privação, daqueles que ali se encontram.

### **Devires identitários transgenders**

Sobre a forma que os devires identitários emergem na abordagem audiovisual do nosso objeto, optamos por uma ênfase aos estudos de gênero para demonstrar o que se tem dito sobre isso nos últimos tempos, a trajetória de termos, expressões e conceitos. Tais dizeres não visam carregar de forma linear, a identidade que o personagem incorpora, partindo da ideia que a análise não é linear e nem polarizada, ou seja, se faz de maneira transversal, com itens que perpassam entre si, se chocam, e por sua vez fazem emergir determinados eventos a que se tornam ricos como forma de análise.

Sobre gênero uma categoria utilizada nos debates feministas – levando em conta que não se busca aqui, neste trabalho, uma abordagem de resistência, mas sim uma forma de expressão, que possibilita a existência – Joan Scott levanta que:

[...] o mais importante, o “gênero” era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. (SCOTT, 1989. P.1)

Por sua vez a categoria de gênero, como forma de expressão de identidade, além de desejos, faz se presente no ambiente em que as personagens vivem, tanto na questão afetiva, como forma de dominação, seja homo afetiva, de forma normativa, ou até mesmo coexistindo as maneiras de se unirem e se relacionarem. As formas com que Pipes demonstra seus afetos seja com Alex – remontando este caso com sua ex-namorada -, ou com seu noivo, demonstra a não necessidade de enquadrar o sujeito em determinados tipos identitários, ou classificações, como rótulos que venham a engessar a identidade da nossa

personagem. Logo se entende que a forma de amar, relacionar, desejar, e porque não demonstrar seus afetos é reconstruída cotidianamente, independente de quaisquer outros determinismos externos, condizendo a fatores que somente dizem respeito a Pipes.

Sobre a relação entre realidade e obra de arte, cabendo neste trabalho a utilização do produto audiovisual – o seriado – como fonte observável de nossa pesquisa, Denilson Lopes afirma a respeito das questões identitárias de gênero:

[...] a noção de representação claramente se justifica na história, nas ciências sociais e nos estudos de comunicação social; muitas vezes, acaba por transformar a obra de arte em ilustração de problemáticas da realidade sem considerá-las estruturantes. É com fruto dessa preocupação que, nos anos 1970, a questão de gênero passa a ser considerada algo mais interno às obras artísticas e práticas culturais, e não meramente um tema. (LOPES, 2009, P. 382)

Com as considerações de Lopes (2009) podemos entender que a questão passa muito mais além de um objeto de entretenimento, espetacularização, subjetivação, mas sim uma forma que perpassa todo esse âmbito da discussão e que está bem representada dentro da tela, além de ter fortes traços presentes na realidade da nossa sujeito-persona. Falar do roteiro de *Orange is the new black* é falar da vida de Piper Kermann – Piper Chapman no seriado – o que em maneira alguma deve ser feito o desligamento desses elementos, fragmenta-los, considerando que nossa autora e personagem vivenciou tais eventos, ao qual foram revelados na literatura, e a produção em forma de audiovisualidade, que está em formato de seriado.

A questão identitária passa a ser vista não uma forma engessada e calcada nesses determinismo, o que se entende é que tais classificações e categorias, que foram utilizadas por muito tempo, nos dias de hoje já não vem a dar conta de tais formas de expressão. No que se tem a falar da série, as questões de gênero são apresentadas de forma plural, mas que cada persona carrega consigo a sua forma singular de manifestação. Com este produto que se experimente, e logo vivencia, ocorre uma nova leitura, além de uma forma de percepção de como ler e estabelecer um olhar para a questão de gênero, desmistificado traços das feminilidades, e também a questão da construção do sujeito mulher em um ambiente de reclusão e privação de liberdades.

ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indicados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências das normas, valores e ideais da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura. A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e

dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade. Podem valer mais ou valer menos. Podem ser decisivos para dizer lugar social de um sujeito, ou podem ser irrelevantes, sem qualquer validade para o sistema classificatório de certo grupo cultural. (LOURO, 2004, P. P. 76)

Fica claro quando vivência o seriado as múltiplas identidades a que são constituídas durante a narrativa de Piper Chapman no seriado, onde ocorre uma grande concentração dentro do ambiente de detenção caracterizado pela construção de feminilidades e do ser mulher. Leva-se em conta a questão das privações de liberdade, além das mais diversas formas e maneiras pelas quais elas, as detentas, lhe dão com o cotidiano. Consequentemente novas formas acabam por marcar e construírem traços identitários, e uma reinvenção dessas feminilidades nesse tipo de dispositivo disciplinador.

## DISCURSIVA

“Este código, cada um pode preenchê-lo conforme sua própria história; é preciso que a figura esteja lá, que o espaço esteja reservado.” (BARTHES, 1991, P. 2)

Dentro da obra audiovisual observamos sujeitos, identidades, corpos e discursos, no qual enxerga-los decodifica-los ou até mesmo decifrá-los se faz necessários. Definir o ponto de partida não é uma tarefa, já observando os deslizes no qual Foucault (1972) já apontava antes, no que se refere em voltar as origens, porém neste ensaio o corpus discursivo passa a ser configurado a partir do momento vivenciado, ou seja, o presente e instante do consumo das imagens que se desenvolvem na narrativa e no roteiro da trama.

Outro fator que se revela na análise de *Orange is the new black* é a rica, vasta e múltipla linguagem a que somos contemplados enquanto experimentamos tal objeto o transformando em observável, o que faz com que o leitor de imagens, espectador, experimentador público, e até mesmo os críticos desenhem em si mesmos a manifestação no que há de se falar sobre o que se vê nas audiovisualidades. A linguagem que aqui está sendo referenciada não se trata da realização do seriado, mas sim do conteúdo, de itens que demonstram as múltiplas singularidades das personagens mulheres que se transformam e se reinventam nessa atmosfera.

Ajustar, como um bom marceneiro que aproxima apalpando “inteligentemente” duas peças de um móvel complicado, a linguagem que fornece sua época (existencialismo, marxismo psicanálise [seja qual modo de se enxergar os objetos]) à linguagem, isto é, ao sistema formal de constrangimentos lógicos elaborados pelo próprio autor segundo sua própria época.” (BARTHES, 2007, P. 160)

Por assim dizer o olhar passa a se ajustar conforme o leitor de imagens se transforma num experimentador daquilo que vê, e também preenche os espaços dentro do discursos com partes suas, que por sua vez falam de si. Se torna legível essa leitura, conforme observamos a constituição de condutas dos personagens dentro da tela, quando adotam determinadas posturas para que possam lhe dar, e até mesmo sobreviver ao um meio com uma série de riscos que são colocados a testar a sua vida.

“A experiência estética cunha rumos tortuosos, porém bem definidos para um novo horizonte de existência. Implica, igualmente, uma possibilidade de vivência complexa e integral e outra ética, pautada na sensibilidade e na intuição mais que na razão intelectual. Para a qual os movimentos importam tanto ou mais que os produtos, e na qual o tempo é tempo também de apreciar, contemplar, experimentar, ver, rever e imaginar.” (FURTADO, 2011, P. 215)

O modo com que se torna possível a existência dessas detentas num meio onde cada vez mais se torna mais difícil manter uma ordem disciplinar, acaba por subverter aquilo que até então se considerava algo tolerável, ou até mesmo o mínimo para manter a integridade. Quanto mais as horas passam, aumenta-se as chances de entrar num mundo corruptível, e por sua vez aumentar suas complicações, tornando a situação mais difícil e o tempo de estada na detenção mais longo. Pipes por sua vez a cada momento que passa incorpora ainda mais a estética da penitenciária, o que irá desconstruir uma aura de sujeito social, a trancafiando por mais tempo na penitenciária, dificultando e colocando mais entraves na sua vida.

O que se consolida com essa desfragmentação identitária e desconstrução do sujeito, através de uma subversão de valores éticos e estéticos, é um discurso do estado, representando a sociedade e os indivíduos fora das grades, contra os que se encontram privados de liberdades, onde por dois mundos bem diferentes, discursos alimentados, porém dificilmente de serem desvinculados uma vez que incorporados por aqueles que por ali passam. Essa é a dificuldade da nossa protagonista em se desvencilhar dos problemas no qual se envolve cada vez mais dentro da penitenciária.

## Sobre o discurso religioso no seriado

“Uma pista encontrada para a expansão das igrejas evangélicas foi a forma como essas igrejas oferecem soluções práticas para diversos problemas, apostando no fortalecimento de laços familiares e da valorização feminina no espaço da igreja e de casa.” (BELLOTI, 2007)

A manifestação religiosa encontrada dentro da penitenciária que foi analisada é um ponto forte a ser analisado. Desde a sua organização onde é centrada na figura de uma detenta, com um histórico fora da prisão, e que por sua vez coordenada atividades, discursos, além de um ativismo religioso em prol de causas específicas. Dentro fatores defendidos pelo discurso se faz presente principalmente a questão de valores tradicionais, como a questão da família, da conduta, o repúdio a diversidade de identidade de gênero (o que faz descrever neste trabalho), entre outros.

O papel da mulher para as religiosas que levam o discurso adiante e remontam cotidianamente, é uma forma de negar a relação afetiva com mulheres, impedindo o relacionamento com o mesmo sexo, e além disso perseguirem aquelas que se relacionam. Tais mecanismo se configura de forma de denúncia e as mais variadas formas de violência tanta física, quanto psicológica.

Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso como Nogueira; Garcia; Steiner (2005) afirmam.

A prática religiosa ditada pela figura masculina obviamente não fica demonstrado diretamente no objeto, porém grande parte das ações e movimentos realizados dentro da penitenciária acaba sendo coordenados por um mentor, diretor, ou responsável, que na sua constituição são homens, o que confirma essa relação de dominação e poder masculino sobre o feminino. Por vezes o contato entre algumas detentas acaba por se tornar motivo de punição, e observamos no decorrer da narrativa do seriado.

## Considerações Finais

O que se compreende no que diz respeito a pesquisa é a presença de uma forte atmosfera que acaba emergindo devires minoritários, através de discursos e por sua vez legitimando identidades dos sujeitos. Sujeitos esses que levam suas histórias de vida, rememoradas nos *flashbacks* e se tornam lugares de fala de si para aqueles que vivenciam a narrativa.

Se por um lado o ambiente de privação no cárcere acaba sendo um local de reflexão, e reinvenção de si para uma nova readaptação, primeiramente como um modo de sobrevivência a um local que se leva uma vida complicada, a outra questão é manter-se dentro de um sistema, sem deixar de ser você mesma, para retornar ao mundo externo após ter cumprido sua pena. Essa tarefa nos dias de hoje parece muito difícil de se realizar, simplória de descrever, mas de realizar e efetivar mais complexa, porém já experimentada e efetivada em pouquíssimos casos no mundo real.

A religião quanto a formas de determinismos comportamentais é algo muito presente na contemporaneidade, isso não se pode negar. Ocorrem muitos atravessamentos na vida dos sujeitos e fieis hoje em dia, principalmente como redenção e busca de uma fuga de realidade e entrega na sua crença, fazendo disso muitas vezes a realidade, afinal querendo ou não é vivenciado e a vida se encontra no real experimentável.

Uma questão que se toca e pretende deixar clara, é a não necessidade da religião, desvinculada ou não da fé e da crença, afim de, definir certos determinismos identitários em relação as relações segundo seus desejos. As identidades no mundo de hoje são voláteis, fragmentárias e se montam e transforma cotidianamente, logo não havendo a possibilidade de cartografar isso, além de doutrina-la dentro de uma linha pensamento, pois o que se enxerga, o que se vive e o que se experimenta, são sujeitos que dormem de um jeito, acordam de outro, e posteriormente já haverão se transformado novamente. Aceitando a mudança de maneira flexível e a multiplicidade identitária é a forma como acabar com conflitos sejam particulares ou até mesmo sociais.

## Referências

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Livraria Francisco Alves Editora S.A.: Rio de Janeiro, RJ. 1991.

BELLOTTI, Karina. **Gênero e Religião. Dossiê Relião – Revista Aulas. N.4 – abril 2007/julho 2007**. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/r1.pdf> >. Data de acesso: 25/07/2014.

DELEUZE, Gilles. **O que é dispositivo?** In: DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariana. Lisboa: Passagens, 1996. Disponível em: < <http://www.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20dispositivo.pdf> >. Data de acesso: 09/06/2012.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Lisboa: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Disponível em: < <http://www.portalentretextos.com.br/livros-online-dw.html?id=160> >. Data de acesso: 22/07/2014

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FURTADO, Janaína. **Relações estéticas e uma ética para um mundo vivo**. Disponível em: < <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/181/510> >. Data de acesso: 25/07/2014

KERMAN, Piper. **Orange is the new black**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

LOPES, Denilson. **Cinema e gênero**. In: MASCARELLO, F (org.). História do Cinema Mundial. Campinas, SP: Papirus, 2006.

LOURO, Guacira. **Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

NUNES, Maria; NOGUEIRA, Adriana; GARCIA, Míriam; STEINER, Neusa. **Gênero e Religião – Dossiê – Rev. Estud. Fem. vol. 13 no. 2 Florianópolis May/Aug. 2005**. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000200009&script=sci_arttext) >. Data de acesso: 25/07/2014.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Disponível em: < <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/categoriautilanalisehistorica.pdf> >. Data de acesso: 22/07/2014.